

A POPULARIDADE DO DISCURSO ANTI- IMIGRAÇÃO ENTRE OS IMIGRANTES BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

THE POPULARITY OF ANTI-IMMIGRATION DISCOURSE AMONG BRAZILIAN IMMIGRANTS IN THE UNITED STATES OF AMERICA

Carlos Augusto dos Santos Nascimento Martins ¹[0000-0002-0607-2932]
Paula Isla Martins ²[0000-0002-0915-4044]

¹ Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal

² Instituto Superior do Litoral do Paraná, ISULPAR, Brasil
carlos@mlmb.adv.br, paulamartinsjor@gmail.com

Resumo. A pesquisa busca compreender o discurso anti-imigração entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos da América. A análise das condições materiais e formais do discurso anti-imigração devem ser enfrentadas a partir da perspectiva de um fenômeno social que se repete em diversas comunidades de imigrantes latinos. A ideia do outro e do eu que habitam o imaginário do imigrante fazem parte da investigação na medida em que devem permitir a compreensão dos processos de decisão que conduzem grupos não homogêneos de pessoas a repetir o mesmo comportamento. No campo factual, a pesquisa deverá analisar os primeiros movimentos do segundo governo de Donald Trump, sua relação com as políticas de Estado para deportação e o discurso de ódio que reforma estereótipos negativos em relação aos latinos que vivem nos Estados Unidos da América. A pesquisa foi realizada na perspectiva metodológica dedutiva partindo de observações gerais sobre o público amostral estudado. Os resultados possíveis até o momento estão vinculados a formulação de uma hipótese de pesquisa que ainda está na sua fase inicial. Para a realização da pesquisa foram utilizadas fontes bibliográficas multidisciplinares dos diversos campos das ciências sociais.

Palavras-chave: imigração, latinos, preconceito, hipótese.

Abstract. This research seeks to understand the anti-immigration discourse among Brazilian immigrants in the United States of America. The analysis of the material and formal conditions of anti-immigration discourse must be approached from the perspective of a social phenomenon that recurs across various Latino immigrant communities. The notions of the “other” and the “self” that inhabit the immigrant imaginary are central to the investigation, as they help explain decision-making processes that lead heterogeneous groups of people to reproduce similar behaviors. At the factual level, the study examines the early actions of Donald Trump’s second administration, its relationship to state policies on deportation, and the hate speech that reinforces negative stereotypes about Latinos living in the United States. The research adopts a deductive methodological approach, beginning with general observations about the sample population. The preliminary results thus far are linked to the formulation of a research hypothesis that remains in its early stages. To conduct the study, multidisciplinary bibliographic sources from various fields of the social sciences were used.

Keywords: immigration, Latinos, prejudice, hypothesis.

1 Introdução

O músico e poeta uruguaio Jorge Drexler, deu ao mundo lindos versos sobre a permanente condição humana da mudança. Na obra “*Movimiento*”, do ano de 2017, ele

canta “*Somos uma espécie em viaje; No tenemos pertinências sino equipaje; Vamos com el polen em el viento; Estamos vivos porque estamos em movimento; Nunca estamos quietos, somos trashumantes; Somos padres, hijos, nietos e bisnietos de imigrantes*”.

Há nos versos de Drexler toda a história dos movimentos migratórios desde o início da aventura humana neste planeta. Se antes as pessoas migravam buscando melhores campos para pesca e caça, proteção contra tribos inimigas e até mesmo fugindo das mudanças do clima que foram artificialmente aceleradas em razão dos efeitos negativos dos trezentos anos de processos industriais que alteraram as dinâmicas de resiliência do planeta terra nos conduzido ao momento atual que convencionamos de antropoceno ou piroceno, hoje, vencidos o primeiro quarto do século XXI, os processos migratórios são, em grande parte, motivados pelos efeitos negativos do é chamado de globalização, momento em que, segundo Zygmunt Bauman, “não se pode mais falar em totalidades sociais e culturais localmente arraigadas”, (Bauman,1999:21).

Na música citada no início desta pesquisa, como argumento inicial Drexler traz mais um verso de seminal importância para a compreensão do fenômeno que aqui se propõe estudar. Diz o poeta uruguaio, “*Yo no soy de aquí, Pero tú tampoco*”. É, pois, o caso de vasta parte da população que hoje habita os Estados Unidos da América na medida em que, excluindo os povos originários do continente que até a chegada de Cristóvão Colombo habitavam a região formando uma sociedade de nações diversas, plurais e ricas em cultura que ora cooperavam e ora guerreavam umas com as outras. Uma população estimada em até 60 milhões de pessoas que verdadeiramente podem ser consideradas legítimas possuidoras das terras continentais.

Por esse viés pode-se dizer que esses são os povos originários legítimos americanos, todos os outros chegaram ao continente por meio de processos migratórios mais ou menos organizados. Nos Estados Unidos da América grande parte do fluxo migratório realizou-se para o povoamento da região, enquanto na América luso e hispânica, o modelo de colonização baseada na exploração acabou por definir diferentes rumos para as economias dos países formadores das porções Norte e Sul do continente americano.

Da miríade de eventos históricos resultaram profundas diferenças sociais e econômicas que ao fim provocaram os deslocamentos humanos em direção aos Estados Unidos da América, maior economia mundial, criadora e por muitas décadas defensora de valores balizadores da possibilidade de vencer e construir. Isso foi consolidado no imaginário popular como o sonho americano.

Por conseguinte, pode-se partir para a análise sociológica do discurso aplicada ao debate sobre os processos migratórios, buscando compreender de qual maneira o discurso anti-imigração entre os brasileiros que vivem de forma não documentada nos Estados Unidos da América é construído e solidifica-se. O tema é aqui enfrentado de forma multidisciplinar com objetivo de contemplar as diferentes possibilidades epistemológicas para a compreensão do fenômeno pesquisado. O artigo é apresentado com a introdução ao tema, com posterior análise das diferentes acepções do discurso anti-imigração e, por fim, as considerações finais.

2 Diferentes acepções do discurso anti-imigração

Partindo da premissa estabelecida nas linhas introdutórias quanto à condição de imigrantes, filhos ou netos de imigrantes de significativa parte dos atuais e futuros habitantes da porção norte do continente americano, excetuado aqueles que são herdeiros naturais das terras, pois são descendentes dos primeiros americanos, é possível afirmar que o discurso anti-imigratório é um produto social não contido nos limites temporais do século XXI. Trata-se de fenômeno humano identificável em diversas culturas e em diferentes momentos históricos.

Ao estudar as diferentes dimensões entre as teorias realistas e construtivistas das Relações Internacionais Alexander Wendt explica que as imagens de inimigo estão profundamente estruturadas na história: Os gregos representam os persas como bárbaros; os cruzados perceberam os turcos como infiéis; europeus medievais temiam que a sua derrota em Liegnitz nas mãos dos mongóis anunciasse o fim do mundo; posteriormente

os europeus trataram os povos das Américas como selvagens; conservadores pensaram que a civilização estava ameaçada pela Revolução Francesa. E em nosso século (XX), temos o genocídio armênio o Holocausto, o início da Guerra Fria, a Irlanda do Norte Pol Pot, os fundamentalistas palestinos e israelenses, a guerra civil na Bósnia, Hutus e tutsis – todos baseados em representações do *other* como possuindo a intenção de destruir ou escravizar o *self*. (WENDT, 2014:317).

Isso posto, o que se observa no teatro sócio-político Americano, notadamente nos momentos mais agudos do debate sobre a presença de imigrantes no território bem como aqueles que antecedem processos eleitorais como o qual elegeu Donald Trump em 2024, quando seu discurso anti-imigração penetrou profundamente nos próprios imigrantes latinos, entre eles os brasileiros, que estariam eles, os imigrantes, apoiando políticas públicas que em última análise tornariam suas vidas mais difíceis. O que no mínimo pode ser considerado contraditório. Durante o processo eleitoral que reconduziu Donald Trump à presidência dos Estados Unidos da América, foram diversas as oportunidades em que o então candidato realizou referências agressivas sobre os imigrantes, exortando o ódio e o preconceito contra significativa parcela da população. Em sua rede social o então candidato afirmou que “os imigrantes ilegais envenenam hospitais, as prisões e o sangue da América”, (Calmon, 2024:04)

A partir de uma análise mais atenta sobre as condições discursivas daqueles que defendem tais medidas construtivas por parte das autoridades americanas permite compreender que o *ethos* da questão está no comportamento do indivíduo incorporado às massas e a sua percepção do eu enquanto membro de algo maior. Sigmund Freud estudou o comportamento das massas na perspectiva da psicologia. Foram duas obras que uma vez conjugadas permitem elaborar uma hipótese sobre o comportamento aparentemente contraditório dos imigrantes anti-imigração. Na obra, “Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos”, (1920-1923), Freud afirma que os indivíduos são governados pelas atitudes de uma alma de massa, que se manifestam como particularidades raciais, preconceitos de classe, opinião pública e que não se pode ser o favorito, então nenhum dos outros deve ser favorito (Freud, 2011:78-81).

Para Freud, as massas nunca tiveram a sede de verdade e que requerem ilusões, nelas o irreal tem primazia sobre o real (Freud,2011:29). O psicanalista Freud continua seus estudos sobre os comportamentos das massas no livro “O Futuro de Uma Ilusão”, publicado em 1927. Da obra extrai-se trecho que em muito contribui para a formulação de uma hipótese sobre o discurso anti-imigração dos imigrantes brasileiros “Não apenas as classes privilegiadas, que gozem os benefícios dessa cultura, mas também os oprimidos podem tomar parte nessa satisfação, na medida em que a autorização para desprezar aqueles que estão fora os recompensa pelo prejuízo em seu próprio círculo.

Alguém pode ter sido, sem dúvida, um plebeu miserável, atormentado por dívidas e pelo serviço militar, mas em compensação, era Roma, tinha sua parcela na tarefa de dominar outras nações e prescrever as leis. Porém, essa identificação dos oprimidos com a classe que os domina e explora é apenas uma parte de um contexto maior” (Freud,2023:53) Em sequência à perspectiva da presente análise sobre o discurso das massas de imigrantes brasileiros que defendem as políticas de austeridade contra imigrantes não documentados, notadamente no processo de recrudescimento promovido por Donald Trump desde a sua campanha eleitoral, tal discurso vincula-se à necessidade de pertencimento das massas ao todo da sociedade americana.

Uma tentativa de mimetizar o comportamento do americano médio no sentido de estabelecer um marcador sociológico entre eles e nós. Todavia, como se sabe todo brasileiro não documentado em território americano é considerado parte do problema, ou seja, imigrante ilegal devendo assim receber o tratamento de párea da sociedade e não de membro ativo da massa trabalhadora e contribuinte.

3 Considerações finais

No decorrer da presente análise o que se observa é um cenário calcado na contradição. De um lado, um governo solidificado em discursos opostos aos imigrantes

com o explícito objetivo de reduzir os números dos processos migratórios. E do outro, os imigrantes que seguem acreditando que fazem parte de um país - aqui recortado para os Estados Unidos - ancorados pela utópica ideia de que sim fazem parte daquela sociedade. Destarte é possível dizer que eles, os imigrantes aqui contextualizados, chegam àquele país com os olhos vendados e ficam imersos em uma névoa de não realidade que fora recentemente descortinada pela deportação em massa realizada em 2025.

Nesse momento, ou tornaram-se eles elucidados ou passaram a repetir comportamentos migratórios fortalecidos pela ilusão de pertencimento. Essa “crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos que pensam em si mesmos como membros de uma coletividade (...) o sentimento de pertencimento carrega consigo acolhimento”, (AMARAL, 2020). O que comunga com a ideia de José Saramago, quando ele diz que o ser humano tem a necessidade de pertencer à alguma coisa. Dentro desse espaço ilusório cabe trazer o pensamento do grande poeta Fernando Pessoa que disse que”.

Referências

1. AMARAL, A.L. Pertencimento. **Dicionário dos Direitos Humanos**. Disponível em www.escola.mpu.mp.br. Consultado em 24.02.2025.
2. BAUMAN, Zygmunt, **Globalização: as consequências humanas**. Tradução, Marcus Penchel. – Rio de Janeiro: Zahar, ISBN: 978-85-7110-495-2.
3. FREUD, Sigmund, **O futuro de uma ilusão**. Tradução de Renato Zwick; 2 ed. RS: L&PM, 2023 - Porto Alegre; ISBN 978-85-254-1998-9.
4. FREUD, Sigmund; **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**; tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2011 – ISBN:978-85-359-1871-7.
5. SOARES, Bernardo. **Livro do Desassossego**. Vol. II. Fernando Pessoa. Lisboa. Ática 1982.
6. WENDT, A., 2014. **Teoria Social da Política Internacional**. Editora Puc Rio, Rio de Janeiro. ISBN: